

Entrevista realizada por Valeska Sales Martins Fernandes com Maíra do MST, em 27 de novembro de 2024.

A PRIMEIRA CANDIDATA DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST) ELEITA PARA A CÂMARA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO – UMA CONVERSA COM MAÍRA DO MST

Edição: Marcelo Ernandez

Transcrição: Valeska Sales Martins Fernandes

Revisão e diagramação: Juliana Santos

A seção diálogos traz neste número uma entrevista realizada por Valeska Sales Martins Fernandes, mestranda em Comunicação pelo PPGCOM-UERJ. A entrevistada foi a vereadora do Rio de Janeiro Maíra do MST (PT-RJ). Essa entrevista se deu a partir da disciplina Interfaces Educomunicativas: Mulheres a nível local e global, ministrada no PPGCOM-UERJ pela professora Rosângela Malachias. Ao final da disciplina, foi produzido um material educutivo¹, com o foco na temática de mulheres líderes. A escolha de entrevistar a vereadora Maíra do MST se deu por ser a primeira vereadora eleita na Câmara Municipal do Rio de Janeiro pertencente ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Criada em Jacarepaguá, região da Zona Oeste do Rio de Janeiro, Maíra tem 29 anos, é professora de História e doutoranda na UERJ. Filha de uma professora e de um advogado que se conheceram no Partido dos Trabalhadores (PT), cresceu no meio político. Foi em 2012, com 16 anos, que Maíra começou a se organizar politicamente, fruto das manifestações contra os megaeventos na cidade do Rio de Janeiro, tais como Rio+20, Copa do Mundo, Olimpíadas e Jornada Mundial da Juventude. Em 2013, participou das manifestações das Jornadas de Junho e, empurrada pela realidade, decidiu fazer graduação em História, na UERJ, com a convicção de querer mudar a vida das pessoas na sala de aula.

Foi durante a graduação que sua relação com o MST se introduziu de maneira mais orgânica: Maíra se organizou no Levante Popular da Juventude, um movimento parceiro do MST. Construiu toda sua militância dentro do Levante, além de fazer parte do Centro Acadêmico e do Diretório Central dos Estudantes. Formou-se em 2020 e assumiu uma coordenação no Levante. “No meio da minha graduação, a UERJ passou por uma grande crise. Este momento da UERJ para mim é muito importante enquanto formação política, porque foi ali que eu tive a convicção ideológica de que é a luta organizada, o trabalho de base, no chão dos lugares que a gente tá, ela é de fato capaz de alterar correlação de forças.”, disse Maíra durante entrevista.

¹ O material educutivo Mulheres na Política - Quem são as vereadoras do Rio de Janeiro? (2025-2028), foi realizado com o objetivo de ser compartilhado aos moradores da cidade do Rio de Janeiro para que conheçam mais sobre as mulheres eleitas à vereadoras no pleito de 2024 - 2028.

Para acesso: https://drive.google.com/file/d/1Am7cl6uNHZHZM8Au1PmZGctS2iS_sX9l/view?usp=sharing. Acesso em 1 set 2025.

A projeção de Maíra se deu em dois momentos importantes da conjuntura brasileira nos últimos tempos. O primeiro foram as campanhas de solidariedade pública que distribuíram toneladas de alimentos para as pessoas em situação de vulnerabilidade durante a pandemia, o projeto Periferia Vivo. E o segundo, os atos Fora Bolsonaro em maio e junho de 2021, em que Maíra participou de todas as manifestações.

Em 2022, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) decidiu que iria participar da disputa eleitoral. No mesmo ano, saiu vitorioso com Marina do MST vencendo para o cargo de deputada estadual no Rio de Janeiro. A partir daí, tomou a decisão política de disputar também os municípios. Coletivamente, decidiram pelo nome de Maíra, o que culminou em sua eleição em 2024, com 14.667 votos.

Figura 1: Maíra do MST



Fonte: X @mairadomst, 2024

Valeska: Como o seu nome foi escolhido para virar uma candidatura?

Maíra: Quando a gente elegeu a Marina do MST (Deputada Estadual-RJ), isso trouxe consequências para poder pensar a cidade. A vitória política e eleitoral da Marina não podia se perder. A gente sabe que eleição é tipo uma turbina que quanto mais você aquece, mais você consegue criar legitimidade na cidade. A partir disso, a gente começou a pensar numa candidatura.

Com muitos debates, houveram dois elementos principais: o primeiro era essa relação de uma trajetória na cidade. No Rio de Janeiro, eu sou a Maíra da UERJ, filha da Doroteia, do Levante, do MST; isso cria uma possibilidade de um alastramento.

O segundo, no campo da esquerda não tinha nenhum candidato jovem, com menos de 30 anos de idade que tivesse alguma viabilidade eleitoral. Essa coisa da renovação política, ela tem sido muito dita por aí e, ao mesmo tempo, não é qualquer renovação, o campo da esquerda quer votar e apoiar mulheres negras.

Entendendo que o MST não é um voto de direita, o voto no MST, ele já é um voto da esquerda, e a nossa possibilidade era ampliar esse voto a partir dessas outras articulações. Então, esse combinado de fatores, eles trouxeram: “E aí Maíra, vamos?”. E eu não queria, não,

sendo muito sincera, eu fiquei desesperada, chorei – “Meu Deus, minha vida, socorro!”. Meu CPF, eu emprestei ele. Claro que se você faz uma fala pública e ela é ruim, é no seu CPF que vão brigar, mas ao mesmo tempo é uma construção que nada vem da minha cabeça, tudo é muito coletivamente construído, desde a concepção da direção política.

Até para montar o gabinete existe uma cultura política, que é um chefe de gabinete. No nosso gabinete, a gente está tentando construir uma nova forma que você tem dois ou três chefes de gabinete, que conseguem transitar por pautas diferentes e garantir uma coletivização maior. Quando a gente fala de socialismo, quando a gente fala de disputa do poder, a gente tá falando sobre compartilhar poder, e isso precisa ser construído no interior das organizações e em novas culturas políticas.

A minha candidatura nunca saiu da minha cabeça. Eu não acordei e falei “quero ser candidata”, muito pelo contrário, houve um processo de convencimento e de necessidade de afirmar esse lugar.

Valeska: Qual a importância do MST na luta política institucional e a importância das candidaturas eleitas?

Maíra: A importância, a relevância política que o MST tem para o Brasil, está de três aspectos principais:

O primeiro é a metodologia de fazer política. Ao mesmo tempo que você não perde essa herança histórica da nossa esquerda de ter direção e instâncias, ao mesmo tempo o MST tem um trabalho de base muito firme, o MST não existe se as suas áreas de assentamento não existirem. Isso traz para a gente uma importância de fazer política territorializada, enraizada no território.

Um segundo aspecto é a bandeira da reforma agrária, que é uma bandeira mais política. O Brasil foi construído a partir das desigualdades fundiárias. O movimento se organiza desde a década de 80, a partir da bandeira da reforma agrária.

A nossa síntese é um projeto popular que entende as mudanças estruturais necessárias para que as desigualdades diminuam. A reforma agrária como uma das principais porque é nessa distribuição igualitária de terra que a gente consegue manter a vida do trabalhador do campo, uma vida mais justa.

Um terceiro aspecto é conexão entre campo e cidade através do debate da alimentação saudável. Essa é uma virada de chave muito importante porque ela consegue garantir a legitimidade do movimento na cidade. Isso recria uma cultura alimentar dentro das comunidades, que é uma coisa muito bonita de se ver.

Pautar a bandeira da alimentação saudável sem agrotóxico, reeditando a bandeira da reforma agrária nas cidades, mostra a importância do MST na política –institucional –, para trazer o debate sobre agrotóxicos, trazer os programas de aquisição de alimentos e forçar o governo Lula a debater a fome e a miséria. Puxar a esquerda ao trabalho de base é um trabalho muito importante e é um papel que o MST desenvolve muito bem.

Valeska: Quais são as principais pautas que você pretende tocar na Câmara Municipal?

Maíra: A primeira é a luta do combate à fome. Eu fui eleita muito com essa bandeira. Saiu um relatório chamado Mapa da Fome da Cidade, que afirma que 2 milhões de pessoas na cidade do Rio estão em insegurança alimentar, ou seja, de 6 milhões de habitantes, 2 milhões estão nessa situação. Isso em uma cidade que sediou o G20, que é o cartão postal do mundo. E

desses 2 milhões, 500 mil passam fome, não têm o que comer.

A gente pensa principalmente na questão das hortas comunitárias como uma possibilidade de organização popular nos territórios e também de combate à fome. As cozinhas solidárias como mecanismos e ferramentas que também cresceram durante a pandemia e que o conjunto dos movimentos sociais impulsionaram para matar a fome do povo de maneira bem objetiva.

Um aspecto muito importante que é tarefa do vereador, que é pressionar a prefeitura para voltar com os restaurantes populares. O Rio de Janeiro vira um deserto alimentar, como algumas pessoas chamam, principalmente na Zona Oeste, porque vários desses estabelecimentos fecharam as portas. A gente tinha muitos desses equipamentos inclusive no Maracanã, perto da UERJ, e no centro da cidade – simplesmente não existem mais. São equipamentos que garantem uma alimentação de qualidade, porque tem toda uma fiscalização sanitária a baixíssimos preços. A gente quer contribuir nesse processo dos restaurantes populares pensando na produção de alimentos saudáveis, valorizando a agricultura urbana que existe na cidade do Rio de Janeiro e que também precisa de valorização enquanto categoria de trabalhadores. Esse guarda-chuva do combate à fome pra gente é algo muito importante e crucial.

A gente tá com a meta de abrir uma comissão especial para a segurança alimentar, não tem na Câmara de Vereadores. Tem uma série de comissões que estão trabalhando as temáticas da cidade, mas, apesar do Mapa da Fome, as atuações de segurança alimentar foram muito através de frente de parlamentares, e as grandes parlamentares, elas têm um poder muito de acúmulo da política, mas pouco de decisões para poder apresentar para o Executivo. Então, a gente quer abrir esta comissão especial.

A segunda é a defesa da juventude. Eu, enquanto uma mulher jovem que vem de um movimento de juventude, a gente quer defender principalmente a juventude periférica e a vida da juventude negra. Embora a violência policial seja responsabilidade do Estado, não seja responsabilidade do Município, o Município pode promover políticas públicas de defesa da vida da juventude.

Promoção de defesa da cultura, educação, pré-vestibulares sociais, são formas de englobar e colocar a juventude, principalmente das favelas, num projeto de vida de coisas positivas, saindo dessa lógica da guerra.

O terceiro aspecto é a defesa da educação. Toda essa minha trajetória enquanto professora, eu dei aula para vestibular. A realidade da sala de aula é algo muito importante pra gente, estamos firmes defendendo os professores contra esse pacote que o prefeito Eduardo Paes tem implementado.

Muita gente perguntou: “Ah, você não vai defender o feminismo? Você, uma mulher negra e bissexual, não vai trabalhar essas pauta?”. É claro que a gente vai trabalhar. Todo esse debate do combate à fome, da juventude e da educação, a gente pretende fazer avaliações, análises, proposições interseccionalizadas. É muito importante entender que, na fome, as pessoas que mais são afetadas são as mulheres negras. Então, isso é dado científico. Defender o feminismo popular, defender uma luta de diversidade que tem a cara da classe trabalhadora é o nosso principal alvo, significa defender as mulheres, defender esses sujeitos que precisam de projetos de lei e políticas públicas eficientes.

Valeska: O estado do Rio teve a menor proporção de vereadoras eleitas do país e, especificamente na cidade do Rio, são apenas 12 mulheres eleitas de 51, no total. Qual a importância de termos candidaturas femininas?

Maíra: É um problema muito profundo. A gente tem um movimento feminista superforte na cidade, com muita capacidade de dar respostas, de encher rua, de fazer a luta política muito qualificada, mas o que tá acontecendo que a gente não tá conseguindo ampliar nossa participação participação? Isso não é um problema das mulheres, não é um problema do movimento feminista, é um problema ainda da forma de organização dos partidos. A falta de participação das mulheres, ela vem da falta de espaço que as mulheres têm dentro da estrutura partidária de um modo geral, da direita à esquerda.

Tem a disponibilização de mulheres para os cargos, mas você tem uma votação maior de homens, o que é algo estrutural da sociedade patriarcal. Isso traz pra gente desafio de usar a tribuna, de usar aquele espaço de poder para defender mais mulheres na política, mas também defender mais políticas para as mulheres, mais políticas da classe trabalhadora. Por exemplo, quem debate creches, quem defende creches, são as mulheres, e quem é atingida pela falta de creches também são as mulheres. Eu acho que essas conexões que a gente precisa começar a fazer ou voltar a fazer, reforçar, em torno desses mecanismos de políticas públicas.

Outra defesa é a disputa dentro de partidos para que as mulheres tenham mais protagonismo, e não só no setorial de mulheres. Essas eleições do Rio mostram pra gente a necessidade de continuar apostando numa luta do feminino enquanto uma forma de organização das mulheres tanto para a política, mas também forçando os partidos, os movimentos, a incorporarem as nossas próprias de maneira central, não tangencial, porque interseccionalizar pautas não significa tangenciar pautas.

Valeska: As mulheres são constantemente vítimas de violência política. Você já passou por isso? Se não, como enfrentar?

Maíra: Nossa, muito, são em diferentes esferas. Desde aquele assédio que você não pode panfletar na rua de short até a desqualificação. O que eu mais ouvi foi: “essa menina quer ser vereadora?”. Essa desqualificação foi muito presente durante a minha campanha. Todos os dias, ao sair de casa, era o questionamento sobre a capacidade, era o assédio sexual em torno da roupa ou, então, era essa desestabilização política por parte dos candidatos da extrema direita.

E muito *hater* nas redes sociais também. Teve uma que falou assim: “Ah, ela defende o aborto, a mãe dela tinha que ter abortado ela”. Tem uma tentativa de tentar diminuir a pessoa que ninguém entende onde vai atacar. Não me atacou, porque a gente cria uma blindagem. Mas que vão ferindo as famílias, vão ferindo as pessoas ao redor, e isso é uma violência política de gênero, não é outra coisa. E a gente sabe onde levou. Levou à morte da Marielle, leva à tentativa de assassinato, leva a lugares inimagináveis.

Valeska: O que é ser uma líder para você?

Maíra: Eu acho que ser líder tem algumas dimensões. A primeira é conseguir sempre suscitar uma esperança; ser líder não é uma autoproclamação. O líder, ele é uma coisa muito orgânica que vai se construindo através do trabalho. Para mim, liderança é construção de uma referência através do trabalho, da disposição do tempo, da disposição da energia, da disposição da vida pessoal.

A liderança é conquistada através do trabalho, da legitimidade social e da capacidade de despertar bons sentimentos e utopias na vida de pessoas que são muito abandonadas, que sofrem muito com a realidade que a gente vive. Para mim, ser líder é isso.

Valeska: Você se considera uma líder?

Maíra: Eu tô começando a entender que talvez sim. Às vezes, eu até entro em colapso, muita gente me acessando, mas eu acho que tem essa disposição, sabe, de uma utopia que me move. Eu percebo uma carga genética hereditária de luta muito forte.

Mas, talvez, eu esteja começando a me entender como uma líder mesmo, e não porque eu quero, mas porque a vida a vida não é justa, né?! E se ela fosse justa, talvez eu seria só mais uma Maíra e não a Maíra vereadora do Rio.

Valeska: Você se considera uma inspiração? O que você quer deixar de recado para as futuras jovens mulheres que venham a se interessar pela luta política?

Maíra: Assim como eu também estou começando a me entender como líder, eu também estou começando a entender que eu sou uma inspiração. O que mais me deixava animada na campanha era lidar com pessoas. A galera que bancou o projeto, que se encantou com a nossa construção coletiva, que não é só minha, mas do MST, trouxe também muitas crianças, meninas de 7 anos de idade, e eu via que não era só porque eu era vereadora, mas porque eu era uma pessoa muito acessível, próximas a ela, em um lugar de poder destacado, mas que também incentivava essas pessoas a se entenderem como protagonistas de suas vidas. Eu acho que é esse o recado.

Ou a gente vai incentivando com que outras meninas, mulheres, olhem para esses espaços não só da política, mas o espaço de poder das suas vidas, e entendam que as decisões cabem apenas a si mesmo, ou a gente vai continuar retroalimentando processos que silenciam mulheres, que silenciam as mulheres em situações de violência, que promove violência psicológica, moral.

Falar de violência ainda significa falar sobre a necessidade de protagonização da vida, e eu acredito muito nessa rede do feminismo, a capacidade do feminismo de criar redes. Não de se libertar, porque eu acho que a libertação, ela não vem individual, ela vem da libertação de um sistema patriarcal que está emaranhado no capitalismo. Não há condições de falar de superação do patriarcado se a gente não fala dessa superação também do sistema econômico.

Mas tem uma necessidade de insurgências dos corpos muito forte e eu acho que nossa tarefa na política é no cotidiano, é também inspirar, né? Que outras meninas possam seguir o seu caminho e ser o que a gente quiser ser.



A **Revista de Comunicação Dialógica** (RCD) é editada pela Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição - Não Comercial - Compartilha Igual 4.0 Não Adaptada.

Link: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Recebido em: 08/09/2025
Aprovado em: 12/09/2025